

O peso do esquecimento

Com Fulvio Stefanini em forma primorosa, “O Pai” chega ao Rio para temporada que celebra 70 anos de carreira do veterano ator

Aos 86 anos e com 70 de palco, Fulvio Stefanini encontrou em André — um idoso rabugento, divertido e progressivamente devorado pelo Alzheimer — um de seus papéis mais celebrados. “O Pai”, em cartaz no Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch, acumula cerca de 300 apresentações, 150 mil espectadores e os prêmios Shell e Bibi Ferreira de Melhor Ator, ambos conquistados em 2016.

O texto é do dramaturgo francês Florian Zeller e já foi encenado em mais de 30 países. A peça ganhou projeção ainda maior com



Fulvio Stefanini vive André, um idoso rabugento em estado acelerado de Alzheimer

sua adaptação cinematográfica — dirigida pelo próprio autor e protagonizada por Anthony Hopkins, vencedora dos Oscars de Melhor Ator e Melhor Roteiro Adaptado —, o que reforçou a atualidade da obra. No palco, a história acompanha André e sua filha diante de um dilema doloroso e reconhecível: cuidar do pai ou seguir a própria

vida ao lado de um novo amor. A trama avança entre momentos de humor e emoção, retratando com delicadeza uma realidade presente em muitas famílias. Completam o elenco Lara Cordula, Fulvio Stefanini Filho, Deo Patricio, Carol Mariottini e Leo Stefanini.

Iniciada em 1955 na extinta TV Tupi, a trajetória de Fulvio Ste-

fanini reúne décadas de trabalho no teatro, cinema e televisão. Na TV Globo, participou de produções como “Gabriela”, “Pátria Minha” e “Chocolate com Pimenta”; no cinema, esteve em “Quincas Borba” e “O Bem Dotado”. Em “O Pai”, o veterano ator comprova a inutilidade dos preconceitos relacionados à idade com uma atuação sublime.

SERVIÇO

O PAI
Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
Até 22/3, às sextas e sábados (20h) e domingos (17h)
Ingressos: Plateia Central - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) | plateia lateral - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Na heteronormatividade

O espetáculo “Hétero Sigilo”, com idealização, dramaturgia e atuação de Bernardo Dugin, está em cartaz no Teatro Laura Alvim com temporada até o dia 29. A peça aborda os mecanismos de silêncio e performance impostos pela heteronormatividade, explorando os custos emocionais impostos a quem esconde a própria identidade. Em formato autobiográfico, Dugin reflete sobre os pactos feitos para se adequar às expectativas sociais e aponta caminhos de coragem e pertencimento. Direção de João Fonseca.



Delírios quixotescos

A companhia ETC e Tal apresenta “Dom Quixote” no Teatro Gláucio Gill até 29 de março. O espetáculo adapta a obra do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), um clássico da literatura universal, por meio do teatro físico, pantomima e narrativa gestual. Com Alvaro Assad no papel do cavaleiro da triste figura e Márcio Moura como seu fiel escudeiro Sancho Pança, a montagem explora a fronteira entre realidade e fantasia por meio de objetos cotidianos e transformações cênicas inesperadas.



Tempo e transformação

Hortência volta à cidade natal em busca do que ficou suspenso. Hélio, que nunca partiu, é dono de uma rádio local. Este é o fio narrativo de “Temporal”, em cartaz no Teatro Poeirinha. Entre movimento e permanência, os dois personagens revelam modos distintos de existir enquanto a cidade aguarda um temporal. Passado, presente e futuro se sobrepõem num drama sobre vínculos, tempo e transformação. Idelaização e atuação de Giovanna Nader e Vito Frago, da Cia do Agora, e direção de Marco André Nunes.